



UMA DISCUSSÃO ACERCA DAS SENSIBILIDADES E EXTERIORIDADES DE UM INTELCTUAL FRONTEIRIÇO



A DISCUSSION ABOUT THE SENSIBILITIES AND EXTERIORITIES OF A FRONTIER

ANA PAULA MARQUES MACHADO

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 14/07/2021 • APROVADO EM 18/10/2021

Abstract

The subordinate poet is not dead, he is more alive than ever, because his ancestors are part of what he is today, and his thinking is high to the border stories, the border family, and it is allowed to seek, to search for what he didn't know yet, the present. Professor Edgar Nolasco, native of Mato Grosso do Sul, prints in his poetry his lived experiences in the frontier zone, exteriorizing with simplicity that, in the crossing, that the border family gathers and disperses, like a whirlwind that suddenly emerges in the middle of the open field, not caring about the hegemonic thinking. Nolasco theorizes his speech from its locus border, southern Brazil/Paraguay/Bolivia border, from that border bloody and oscillating twilight where the urutau sings, a bird that has a funeral chant and that is a symbol of the Brazilian cerrado. His poetic writings are ingrained by their subordinate memories, and are present in the trilogy **Pântano**, **Oráculo da Fronteira** and **A ignorância da Revolta**. It is on this path that this work intends to walk, based on the study of fictional poetics of Nolasco, born on the border and disobedient by birth.

Resumo

O poeta subalterno não está morto, está mais vivo do que nunca, pois seus antepassados fazem parte do que ele é hoje, e seu pensamento está galgado às histórias da borda, à família da fronteira, e está facultado a buscar, a procurar o que ainda não conhecia, o presente. O professor sul mato-grossense Edgar Nolasco imprime em sua poesia suas vivências vividas naquela zona de fronteira sem igual, exteriorizando com singeleza que é na travessia que a família fronteiriça se reúne e se dispersa, como um redemoinho que emerge repentinamente no meio do campo descampado, não se importando com o pensamento hegemônico. Nolasco teoriza seu discurso a partir de seu lócus fronteiriço, fronteira-Sul Brasil/Paraguai/Bolívia, a fronteira de barrado sanguinolento e crepúsculo oscilante onde canta o urutau, pássaro de canto fúnebre e que é símbolo do cerrado brasileiro. Seus escritos poéticos são entranhados por suas memórias subalternas, e se encontram presentes na trilogia **Pântano**, **Oráculo da fronteira** e **A ignorância da Revolta**. É nesse caminho que este trabalho pretende caminhar, a partir do estudo da poética ficcional de Edgar Nolasco, nascido na fronteira e desobediente de nascença.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Borders. Epistemic disobedience. Subaltern memories.

PALAVRAS-CHAVE: Fronteira. Desobediência epistêmica. Memórias subalternas.

Texto integral

1. A IMPORTÂNCIA REAL E NECESSÁRIA DO ESPAÇO/FRONTEIRA NA POÉTICA FICCIONAL DE EDGAR CÉZAR NOLASCO

O pântano sobrevive em mim, assim como a influência da planície em minha formação de homem-fronteira. Conheço de cor o pedigree dos raminhos das gramíneas que vão sendo pisoteadas pelos cascos dos animais. Que culpa tenho eu de ter nascido na beira do rio Dourados, lugar onde só a fronteira impõe limite para as terras dominadas de Revolta?

Edgar Nolasco

Se a teoria é o meu sintoma, a fronteira-sul é o meu lugar. É a partir dela que sinto, penso e as vezes escrevo. Eu sou fronteira. Eu a habito. Assim como a planície, ela é a extensão de meu corpo. Meu lugar é a coisa mais real que existe. Nenhuma teoria, nenhuma filosofia sequer tratou dessa exterioridade que me habita dentro. Tratou do dentro do dentro do dentro.

Edgar Nolasco

O intelectual sul mato-grossense Edgar César Nolasco¹ destaca em seus poemas que, desde criança, não tinha medo de atravessar aquela fronteira sanguinolenta onde canta o urutau, lugar íngreme e seco ao mesmo tempo, mas que com o passar dos anos, seu medo cresceu a ponto de se confundir com os vários mundos e as histórias locais imaginárias e reais que povoavam sua mente fronteriza. Segundo Nolasco, se a fronteira-sul é híbrida e porosa para as memórias e histórias locais que giram em seu redor, seu grande desejo de circundá-la vai até onde pode gerenciar seu medo de homem-fronteira. Nolasco (2020, p. 30) afirma: “Meu verso, a fronteira-sul e meu corpo são uma extensão de mim. Eu sou o meu verso. Meu verso contorna o meu bios”. Para ele, não é apenas seu verso que está assentado na fronteira-sul, é todo seu corpo, e seu verso circunda o movimento de seu corpo, estendendo-se do outro lado do pântano e da fronteira. A consciência fronteiriça do poeta lhe dá a convicção de que a fronteira-sul pode ser renascida no verso, e o poeta sabe que o verso possibilita criar um homenzinho subalterno fronteiriço que se identifica naquela paisagem biográfica, fazendo-se sentir pronto para encarar até mesmo a ausência de razão de sua criação, pois o poeta da fronteira-sul jamais está só no verso. Permanentemente, um outro poeta da fronteira chega a seu lado, estimulando-o a atravessar o incógnito do outro lado. Edgar Nolasco explana, no poema **Biografia da fronteira**:

A fronteira-sul é o sintoma de minha poesia
A planície é a extensão de meu corpo.
A Revolta é meu arquivo poético que vela as sensibilidades
locais e biográficas de um homem-poeta
que sabe que vai morrer (quando a tarde declinar para
a melancolia do crepúsculo oscilante da fronteira).

Desenhei um (ovo) e escrevi ao lado *entender é a
prova do erro*. A origem das coisas não precisa ser
entendida. A da poesia também não. A Natureza
existe para ser entendida. Não por acaso que *sentido* é a
palavra que mais gosto. Tanto que ela me enlouque
ceu na busca de uma aprendizagem de desapren-
dizagem do sentido das palavras.

Escrevi uma (fronteira) na *letra* e nomeei embaixo
Biografia do poeta *fronteiriço* (NOLASCO, 2018, p. 70).

Karla Maria Muller (2012, p. 69) afirma que “a fronteira constitui-se em elementos de investigação de diferentes Campos de Conhecimento”. Conforme Muller, as fronteiras demarcam limites, podendo delimitar eixos de contato, determinando também o âmbito de regiões e países, reconhecendo contornos,

¹ Edgar César Nolasco é professor da UFMS e coordenador do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Culturais Comparados – NECC – CNPq/UFMS e Pesquisador-visitante e Associado do PACC-UFRJ.

tornando-se parâmetro como lugares de integração entre distintos grupos e povos. As fronteiras aguçam o imaginário de pesquisadores, transformando-as em marcas alegóricas. A professora Muller destaca que os debates referente ao fenômeno transpassam pelas fronteiras culturais, fronteiras nacionais, também por referências existentes e visíveis, como por exemplo, nas praças, as pontes, nas ruas, que são os constructos figurativos que residem no pensamento de cada indivíduo. De acordo com Muller, em se tratando de fronteiras nacionais, convém salientar que não apresentam somente o status de local de Segurança Nacional ou mesmo o ingresso de mercadorias importadas, mas simbolizam um espaço significativo de ligação com a cultura do outro, aquele sujeito que está ali, na cidade próxima ou na mesma, no momento em que as duas cidades coirmãs compõem somente uma concentração urbana.

[...] as fronteiras nacionais conurbadas e semi-conurbadas apresentam-se como cenário propício para avaliar *in loco* como se estabelecem processos de interação com nichos de intersecção entre distintas culturas. Podemos afirmar que os espaços de fronteiras nacionais são fecundos para analisar a presença de fronteiras culturais, existentes em tantos outros lugares, mas aqui mais fáceis de verificação (MULLER, 2012, p. 70).

Muller salienta que, ao analisar os movimentos dos fronteiriços, constata a existência de componentes que podem ser vistos nestes lugares e pedem nossa mirada examinadora. Muller alega “um sentimento forte entre pessoas do lugar é de alteridade, o que provoca melhor aceitação de culturas distintas” (2012, p. 70). Cabe aqui ressaltar que as fronteiras simbolizam mais do que simplesmente uma separação ou união de pontos distintos, pois a presença de muitos imigrantes que se instalam em vários polos das fronteiras nacionais, acabam por misturar seus hábitos culturais entre os já existentes no lugar, favorecendo a acolhida de outros costumes e a vitória pelo respeito da população local. Edgar Cézar Nolasco consegue desbravar a fronteira de uma maneira singular, quando descreve que o que vê, esquece, ficando somente o símbolo, e assim, guarda “lembrança” (2014, p. 47) de um símbolo, quando a paisagem esgarçou-se e, dentro dela, pode ser que haja a imagem incontornável do que viu em outro instante. No entanto, foi por meio da linguagem do poema que Nolasco vê tudo como se tivesse sido visto pela primeira vez, como por exemplo, quando viu, num certo dia, de longe, o barrado sanguinolento, quase roxo, próximo do vermelho escarlata, viu o sol se pôr sobre a fronteira-sul, viu também um urutau voar para a fronteira e sentiu medo, viu num domingo à tarde sua família reunida embaixo de um pé de cinamomo e o cachorro chamado Navio latir feliz para avisar que sua tia Lira estava vindo pelo descampado como fazia costumeiramente durante sua infância. De acordo com a poética fronteira de Nolasco, que são vistos em seus belos e autênticos poemas, que percorrem/transpõem de suas memórias, é como se ele tivesse atravessado o pântano e o cerrado num mesmo dia, parando já bastante cansado, num

descampado e voltando-se em direção à fronteira-Sul, lugar onde não se pode impor nenhum tipo de julgamento/desprezo e que o pensamento dos sujeitos/habitantes fronteiriços estão embebidos em suas almas, como se invocasse o oráculo pela primeira vez, então Nolasco pergunta para si mesmo: “quando vai descansar dessa vida bastante atribulada/exaustiva? Deuses também podem ser *subalternos* da fronteira?” (2014, p. 47). Então Edgar Nolasco pede que venham em seu socorro porque está cansado, não dorme nem come, pressentindo que terá que aprender a desprender o caminho de volta para o outro lado da fronteira, sabe que seu conhecimento é de sua relativa exterioridade.

De acordo com Ramón Grosfoguel, é necessário que seja compreendido que o pensamento crítico da fronteira seja a resposta epistêmica do sujeito subalterno frente ao projeto eurocêntrico da modernidade, e essas epistemologias de fronteira redirecionam a retórica da modernidade, partindo das cosmologias e epistemologias do subalterno, que se encontram junto ao lado oprimido da diferença colonial. Grosfoguel afirma “o pensamento de fronteira não é um fundamentalismo antimoderno” (2010, p. 407). O autor pontua que esse pensamento de fronteira é uma resposta descolonial do sujeito subalterno diante da modernidade eurocêntrica. As epistemologias fronteiriças, que apoiam a discussão acerca da exterioridade, não apenas possibilita que baseemos as discussões teóricas dessa epistemologia outra, ou fronteiriça, nos levando, nos obrigando, de certo modo, a sermos todos desobedientes, perante a epistemologia moderna que deu passos largos por essa zona fronteiriça, que inclui a América Latina por completo, especialmente, por intermédio, do discurso disciplinar e acadêmico e, por tanto, a exterioridade é aquilo que tal retórica criou, inventou e construiu, para dominar, conquistar, colonizar, tal como eliminar. Conforme o intelectual Walter Mignolo ressalta em seu importante texto, que é necessário e fundamental “aprender a desaprender, para así re-aprender” (2010, p. 98), portanto, para que a teoria crítica equivalha à “descolonialidade” (2010, p. 98), para se tornar então teoria crítica descolonial, a história da *razão* e a geografia não podem mais ser monotópicas. Então, o passo inicial na gramática da descolonialidade pode ser dado, usando um vocábulo dos documentos da Universidade Intercultural de Povos Indígenas do Equador.

De acordo com o intelectual sul mato-grossense Edgar César Nolasco, quando a “paisagem biográfica” (2019, p. 23) retorna para si, sabe que não há muito o que escrever a partir da fronteira-sul, senão a sua coragem de menino, nunca de poeta, de poder dizer seus medos, e que escutou o canto do urutau, num lugar incerto e não hesitou na possibilidade de pensar um verso entre os escombros do silêncio e a sangria de um coração ingrato. É necessário que o subalterno seja ouvido pelos centros hegemônicos e excludentes, que rechaçam as vozes periféricas desde sempre. Sou gaúcha de nascença, lugar gelado onde o vento faz a curva, terra que também é fronteiriça, portanto, a fronteira está dentro de mim, para sempre, assim como está em Edgar Nolasco. Escolhi viver em Campo Grande, conhecida como *cidade morena*, porque aqui a paisagem é sanguinolenta, com crepúsculo oscilante, como ocorre no meu amado Rio Grande do Sul. Minha memória é a do canto do quero-quero, e não do urutau, e a poesia desobediente de Nolasco desvela o grande sertão epistemológico da fronteira-sul, que também habita em mim. Nolasco explana, no poema **Quase-poesia**.

Escrevo um livro no qual eu vou me desbiografando
Do começo ao fim, tal qual um bugre andariego da
Fronteira-sul que vai deixando seus andrajos e des-
pojós e pegadas ao atravessar o pântano da Revolta,
quando a tarde declina para a melancolia (NOLASCO, 2019, p.
26).

O professor argentino Mignolo reforça também sobre a importância que pensar *a partir de* uma gramática da fronteira-sul, que pode ser compreendida por uma “gramática da descolonialidade” (2010, p. 93), ou gramática da fronteira, que está sim, em processo de construção no planeta e, nesse sentido, pensar numa gramática expositiva do ensino descolonial faz toda significação. O autor mostra para seu leitor sobre a pertinência de desobedecer diante do discurso acadêmico e disciplinar, e que o sujeito e sua gramática fronteiriça estão contaminados pelo *outro*. Edgar Nolasco enfatiza em seu texto que os dois caminhos capazes e possíveis que nos levariam a um certo tipo de acercamento para a elaboração e entendimento de uma gramática pedagógica fronteiriça são: o caminho das “sensibilidades biográficas” (NOLASCO, 2019, p. 12), que formam a corpo política, e o das “sensibilidades locais” (NOLASCO, 2019, p. 12), que são a epistemologia da fronteira-sul, que formam a geopolítica. E para adentrar numa discussão acerca da formação de uma gramática fronteiriça, tanto a geopolítica como a corpo política são dois mecanismos conceituais primordiais para uma teorização que penetre alargando a guinada de base descolonial/fronteiriça (MIGNOLO, 2020). Nolasco enfatiza “Sobreviverei ao verso, assim como o poema sobreviverá à minha morte [...] Engastar meu verso, como meu corpo, na fronteira é minha forma de preservar minha vida” (2020, p. 13). Ele também destaca que o lugar fronteiriço ao qual pertence desde nascença, prossegue a extensão de seu cansado corpo, e a fronteira circunda seu bios de poeta, e o poeta, a fronteira e o verso selam a presença e rapidez de um certo sentido para o poema como uma totalidade. Nolasco discute em seu texto teórico a maneira que seu lócus geográfico, que no caso é o estado de Mato Grosso do Sul, também é sua condição de fronteira, que hospeda e dialoga com a crítica errante vinda dos grandes centros hegemônicos.

O lugar geográfico de onde articulo minha reflexão, o estado de Mato Grosso do Sul que fica ao Sul da região Centro-Oeste, mais precisamente na fronteira entre os países limítrofes Paraguai e Bolívia, lugar mais comumente conhecido como lugar onde o sol se põe, tem produzido uma crítica acadêmica e midiática fora do eixo que, grosso modo, ao invés de procurar acompanhar o processo de transculturação *continuum* operacionalizado pela cultura local, não faz outra coisa senão autenticar a crítica vinda de fora. Se tal aceitação não fosse para compreender criticamente a cultura local e

suas especificidades não veria tanto problema crítico; o problema é que tal gesto equivocado dá-se em torno da própria cultura do lócus em questão. A fronteira sem lei aqui em discussão, e que impõe os seus próprios limites, se, por um lado, pode representar simbolicamente a clareza (um processo transculturador arcaico e infinito do lugar), por ter o sol suspenso sobre ela, como que a demarcar os limites do sul-sul, por outro lado, enquanto lugar de fora do eixo, de periferia e de subalternidade, representa “el lado oscuro del renacimiento”. Um tom sombrio é detectável no modo como a crítica fora do eixo hospeda a crítica de fora, sobretudo porque aquela ainda não conseguiu se desvencilhar dos legados coloniais desta crítica que, por estarem marcados nas memórias locais e no melhor da reflexão do intelectual periférico, é reforçada como nova forma de colonização, e não como novo instrumento, para iluminar a inteligência de seus anfitriões ou revelar uma realidade que não poderia ter sido percebida sem o seu deslocamento para o lugar subalterno (NOLASCO, 2013, p. 57-58).

Conforme Nolasco, se porventura a crítica vinda do centro padecesse de uma espécie de transculturação quando fosse chegar aqui, talvez ela não desempenharia essa função de iluminador e até mesmo de castrador, por pensar que consegue teleguiar a sabedoria de quem os hospede. Edgar Nolasco afirma “Tal crítica precisa ser, cada vez mais, posta sob suspeição por todos os anfitriões, e de modo especial pelos da academia, [...]” (2013, p. 58). Ele diz que isso cabe ao pensador da academia para que não entre acriticamente nas epistemologias amparadas numa tradição do centro. Esse tipo de caminho de mão única que representa a maneira como a crítica subalterna “recebe e hospeda” (NOLASCO, 2013, p. 59) a crítica do centro não deixa que seja debatido a relação, como por exemplo, entre a construção do saber e o local geohistórico. Nolasco afirma que “as teorias, as críticas, todas viajam e em todas as direções” (2013, p. 59). Ele enfatiza que o problema está quando elas não são transculturadas, isto é, como ocorre e está ocorrendo com a crítica do centro e também com a de fora, que ancora nesse lado de cá da fronteira-sul. Não padecendo de uma transculturação, esta crítica não se faz um objeto de estudo, pois antes serve como meio epistemológico para aprender e compreender os objetos locais, até mesmo a própria crítica fora do eixo.

A diferença colonial do homem que vive na fronteira é que ele sente a fronteira no próprio corpo. De modo que ela está incrustada em seu corpo, em sua língua, em seu pensamento, em seu modo de produzir conhecimento. É a soma de tudo isso que vai resultar em uma epistemologia específica dos lugares subalternos. Com base num lócus geográfico específico, mesmo que nosso olhar oscile entre um lado e

outro da fronteira-Sul, e muitas vezes se pegue mirando por cima dela, tentando alcançar a luz oscilante do crepúsculo, ou o último céu dos pássaros do poeta, é em busca e a partir de uma epistemologia de natureza fronteriza que ancoro toda minha leitura. Passei toda minha infância entre o campo e a cidade. Entre esse ir e vir do atravessamento da fronteira, que reúne na dispersão, ouvia histórias locais que povoariam minha memória para sempre. Entreveros e mais entreveros em torno da disputa por terras tinham seu desfecho fatal do outro lado sombrio da fronteira. Histórias de forasteiros e foragidos, que, a seu modo, lembravam as histórias de Martin Fierro e Silvino Jacques, atravessavam a fronteira para o lado de cá e, aqui chegando, tinham ou um desfecho trágico, ou caíam no deboche dos sertanejos, vaqueiros, pantaneiros que, a seu modo, tornavam as histórias migrantes intermináveis como as histórias das 135 mil e uma noites. Taperas abandonadas, por conta de disputas por terras ou meras perseguições de famílias valentes, eram da noite para o dia invadidas por foragidos da lei, que chegavam quase sempre na calada da noite, ou invasores de toda espécie. Carretas de boi eram abandonadas nas sedes das fazendas, ou no meio do campo mesmo, metaforizando uma história familiar em ruínas, cheiro de abandono e morte. A tradição e a sua carcaça de lei (NOLASCO, 2013, p. 134-145).

De acordo com Nolasco, era habitual ver um sujeito chegado de longe, caminhando pela margem das estradas de bicicleta e, quando o avistava, tinha a certeza que era um paraguaio carregando pelas costas uma viola. Nolasco enfatiza “Mais tarde fui encontrar a reprodução daquela imagem tão familiar retratada no conto Sanga Puytã, de Rosa” (2013, p. 135). Ele salienta que o lugarejo chamado de Sanga Puytã, era o lugar por onde viveu toda sua doce e saudosa infância, ao qual lhe dava alcance ao estrangeiro e, para o sujeito da fronteira, o estranho e diferente é sempre o que existe de mais familiar, que é o outro lado. Nolasco escreve também sobre as cruces, que eram cravadas nas margens das estradas, e os descampados santos largados dentro das plantações dos latifundiários que viviam no local, que encarregavam-se de recordar que existe histórias e mais histórias que são capazes de serem desenterradas no presente. Tais paisagens do lugar vividas por Nolasco, lhe hospedaram e foram hospedadas, enquanto sujeito daquele local, marcaram traços de memória olvidadas naquela zona fronteira, que exige uma exumação sempre quando for necessária. Nolasco salienta que essas paisagens fronterizas são bastante importantes em sua discussão, pois precisa compreender que elas recordam as histórias locais e memórias locais fronteiriças que foram olvidadas devido as memórias itinerantes chegadas dos grandes centros. Para Nolasco: “Aliás, não é demais lembrar que lugares fronterizos também produzem memórias outras e cuja epistemologia fronteriza para compreendê-las advém de seu próprio lócus excêntrico” (2013, p. 135-136). A fronteira-Sul, ao mesmo tempo que é um arquivo

vivo e aberto, vela paisagens fronteiriças e biográficas do lugar, que necessitam ser exumadas pela leitura com um olhar outro.

O intelectual Bessa-Oliveira faz um importante questionamento: como tratar criticamente práticas artísticas que não estão inscritas na noção de estética histórica? A resposta que surge está firmada na proposição de descolonizar “biogeografias” (BESSA-OLIVEIRA, 2016, p. 325), isto é, a partir de estéticas outras, como por exemplo, uma *Estética Bugresca*, como alternativa para descolonizar o saber, o fazer e o ser sobre a arte ocidental, principalmente sobre sujeitos locais e as várias artes que se encontram registradas no lócus enunciativo brasileiro que não apenas contabilizam as questões importadas dos Estados Unidos ou da Europa aos seus corpos biogeográficos. O “Ser latino” (BESSA-OLIVEIRA, 2016, p. 325) já salienta uma ideia de exclusão arquitetada pelos discursos hierárquicos, mas se forem matutados a partir de uma ideia outra de estética, podemos ser considerados culturas não inconscientes de outras, isto é, ser latino é sugerir lugares geográficos outros como ponto inicial para argumentações de reflexões artísticas ou críticas como elaborações de conhecimento.

Segundo Bessa-Oliveira, pode-se falar que é nas “fronteiras” (2013, p. 263) que surgem um pensamento reverso ao “pensamento colonial” (2013, p. 263). Então, a fronteira, aqui, considerada como lugar que faz erguer-se pensamentos hegemônicos ou não binários dos países colonizadores. O intelectual enfatiza que o saber disciplinar é invenção do poder, que o lugar e a Natureza, conseqüentemente, precisa conseguir e quer compreendê-los que são imaginadas as paisagens. É como uma questão do pertencer de alguém ao lugar que muda essa noção de dois modos de ser e também conceitual do *locus* geográfico, fazendo cada bios sentir a presença da ausência de distinto modo. É necessário fazer as mudanças de maneira epistêmica, pôr uma epistemologia atual/contemporânea para pensar nossas produções prático-pedagógicas, artístico-culturais e teórico-críticas, especialmente em Artes Visuais. Portanto, uma *desobediência epistêmica*, ajuda para matutar a estética bugresca como um projeto descolonial para ler, entender de um modo abrangente as produções em Artes Visuais, de lugares largados à sorte como a América Latina, o Brasil e o nosso Mato Grosso do Sul.

Bessa-Oliveira afirma que aqui, em Mato Grosso do Sul, onde atualmente também é o meu lugar de fala, o imigrante aprende a cultura do “outro” (2013, p. 265) para que a sua se mantenha sempre viva. Existe o *bios* na fronteira da história da crítica, das práticas e da teoria. A crítica de Mato Grosso do Sul aparenta ter se privilegiado nas academias, e a fragmentação de padrões não é desconhecida em arte contemporânea. Identificar e discernir na produção artística contemporânea de Mato Grosso do Sul somente “estéticas modernas” (BESSA-OLIVEIRA, 2013, p. 265) cria uma modernidade ultrapassada na produção recente atual, bem como rechaçar a estética bugresca é aperfeiçoar do contexto sociocultural local e atual a produção bugra local. Pensam que no Mato Grosso do Sul é tudo bugre. Conforme o professor Bessa-Oliveira, não se pode mais pensar em uma estética que não esteja perpassada pelas peculiaridades bugras dos sujeitos locais, então, *é Índio ou Bugre? O bugre é rústico, selvagem, o bugre real é do mato, o bugre que se encontra na cidade é um pouco mais calmo*. Portanto, se matutarmos numa estética do povo jamais irão notar que a crítica estética moderna que há em Mato Grosso do Sul não atinge uma outra

estética, ou seja, uma a-estética, ou “aiesthesis bugresca” (BESSA-OLIVEIRA, 2013, p. 265):

[...] digo que o mundo todo está trans(itando)culturando na atualidade. Seja por necessidade, seja voluntária, as *biogeografias* estão transladando continentes – por mar, ar ou por terra – em busca de igualdades, identidades (de pertencimentos), pluralidades e liberdades culturais. Por isso, reflito a partir de algumas epistemologias contemporâneas, tomadas como *método* contramoderno de argumentação de pensar a partir de (fronteiras *biogeográficas* culturais), discursos, espaços, histórias e memórias que erigem em situações *outras* (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 118).

Bessa-Oliveira destaca que estas concepções epistemológicas, de alguma forma, podem até não conversar entre si, por outra elas lhe são relevantes na (não)conversa, porém como diálogo, levando em conta o seu lugar biogeográfico, lugar esse que é de onde se fala e das produções que quer seu discurso entendido, a (in)compreensão do “(extra)(nho)(ngeiro)” (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 118) é condição para sobreviver (da) vência na fronteira. Quer dizer, é na ambiguidade ou na (in)compreensão da mirada moderna dos mesmos que esse lócus e sujeitos *biogeográficos* sobre-vivem. O “lócus enunciativo epistêmico fronteiriço” (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 121) está ligado de maneira intrínseca à ideia epistemológica, é a exterioridade do sujeito que vive na margem. O pensamento descolonial crítico *biogeográfico* fronteiriço é como se fosse uma articulação epistêmica que acontece contra o conhecimento moderno, que é desobediente de nascença, ao serem pensadas em culturas arte e conhecimentos dos lugares que foram ignorados para a construção do pensar, tal como, da ciência cartesiana que obteve ao exílio os lugares, as práticas, sujeitos, que não estavam propagadas na sua “*noção*” (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 121) de conhecimentos.

Ainda no rol da discussão, pode-se dizer que a poética bugresca do intelectual Edgar Cézár Nolasco está permeada na desobediência, na fronteira-Sul, quando ele escreve em seus poemas que quando viu uma índia vendendo palavras lóbregas, que não foi na poesia de Manoel de Barros, então conversou numa tarde com um pai indígena que lhe disse que seu filho mais velho estava ficando muito moderno. Nolasco aprendeu as sensibilidades locais de tanto olhar para seu “Bugrinho” (NOLASCO, 2019, p. 86) que fora depositado sobre sua escrivania. Um “andariego” (NOLASCO, 2019, p. 86) que atravessa a fronteira é tão leve quanto a seriema que cruza a estrada no meio do dia, e quando vê uma poética bugresca erigir do corpo lasso e rijo dos Bugres de Conceição, que são só comparáveis a um sexo selvagem praticado sobre a sombra dos guavirais em flor. Então, sua Nossa Senhora da Conceição, inconscientemente, retraiu a história local de seu amado e fiel povo que não deixou de reivindicar seu válido lugar e direito dentro da história humana ocidental. Para Nolasco, a fronteira-Sul é o princípio de seu bios, assim como a

planície dá a extensão de seu corpo de homem-fronteira, que está distendido sobre o pântano. A fronteira é seu eterno presente sem qualquer tipo de retorno.

O Professor Bessa-Oliveira enfatiza ainda que, pensar em corpo específico de uma linguagem de arte ainda é matutar em um corpo domesticado e disciplinado na diferenciação entre emoção e razão como foi pensado pelo projeto *moderno* cartesiano, e que todo *saber, ser* e *sentir* ocidentais continuam apoiados na ideia de que o corpo precisa sofrer com *se*-parações na arte. Bessa-Oliveira ressalta que tem mais significância falar que não somente como infiltração ou espalhamento do saber e discursos hegemônicos, uma epistemologia bugresca, ou epistemologias variadas latinas, brasileiras, estaduais, cidadinas, por conseguinte, *biogeográficas*, que irão priorizar o diversificado dos sujeitos e dos lugares como alternativas de construção de saber artístico como conhecimento. Suas reflexões a partir da epistemologia das *biogeografias* como “Estudos de Culturas” (BESSA-OLIVEIRA, 2018, p. 69) para que se entenda que é na “diferença” (BESSA-OLIVEIRA, 2018, p. 69) que as semelhanças poderão realmente existir em contextos de “exterioridades” (BESSA-OLIVEIRA, 2018, p. 69). Algumas articulações epistemológicas direcionam para as premências de histórias locais que se contrapõem, notadamente, às narrativas, como por exemplo, de arte, do corpo, de saberes e lugares (universais/globais), e também de fronteiras, que até agora não foram, pelo menos, nem observadas pelas teorias que até hoje caminham na América Latina devido à perspectiva moderna imperante, e não menos também no Brasil, que procura incluir-se nos projetos globais com maior preferência.

Pode-se dizer que Edgar Nolasco é um poeta subalterno, desobediente de nascença, e a epistemologia fronteira, que apoia sua discussão acerca da exterioridade, não apenas possibilita que fundamente as discussões teóricas dessa epistemologia fronteira, ou *outra*, levando, desse modo, a ser desobediente, diante a epistemologia moderna que deu amplos passos por essa zona fronteira, da borda, que inclui a América Latina completamente, e a exterioridade é aquilo que tal retórica criou, para colonizar, tal como eliminar. Conforme Nolasco, a fronteira-sul é uma sanga de terra vermelha por onde corpos atravessam e também se roçam contra outros corpos, que o faz lembrar da paisagem do capim-de-bode que não cansa de bater em seus pendões de seda nas beiras da estrada que foi carcomida pelo vento vindo dos chacos e pântanos, e que depois de tanto tempo, quando vê um urutau voando sobre a fronteira, se entristece, e então se pergunta: por que o fato de ver um pássaro voando sobre o “pântano” (NOLASCO, 2018, p. 96) o constrange para a poesia? Acho que não! O intelectual Edgar Nolasco tem um *olhar* decididamente fronteira, da margem, e quando recorda em seus poemas do vermelho dos ponchos de sarja escarlata, do vermelho da poeira da estrada que tingia o lugarejo de “Sanga Puytã” (NOLASCO, 2014, p. 14), mais o vermelho encardido de eternidade do crepúsculo sanguinolento da fronteira-sul, que “tingem” (NOLASCO, 2014, p. 44) sua cidadezinha qualquer recordada encarnada viva em seu coração, com feitio de uma florzinha colhida a toa na beirada da estrada olvidada no meio da planície. Nolasco delinea, nos poemas **Sobrevida** e **El desdichado da frontera**:

Todo mundo escreve o seu poema, de modo que

também quero escrever o meu.

Está cada vez mais fácil de compor um poema a essa altura da evolução tecnológica. A poesia grassa por todos os lados. E a desgraça também. Mas não sobrevivi para chorar o leite derramado.

O grande poeta melancólico e triste e de ferro morreu na década de 80 do século XX.

Meu canto é como o do urutau que é deserdado e só canta da fronteira um canto que ninguém escuta e se o escutasse não entenderia.

A subalternidade derrama seu manto sanguinolento dentro da escuridão do mundo civilizado. Ocorre um brilho, como a um campo noturno distante em línguas de fogo sobre o pântano, que não deixa de lembrar uma certa nostalgia de uma aura da fronteira.

[...]

Não sou nem estou melancólico. Também não sofro de culpa, nem de nostalgia e nem muito menos de aura.

E prefiro a convicção de que não escrevi um poema a ter que negar que minha sobrevivência é adiada todas às vezes que diálogo com o grande poeta morto, mesmo quando pelo avesso de sua verdadeira poesia (NOLASCO, 2018, p. 51-52).

Sou um deserdado, um filho da Revolta, um homem-fronteira
_ quando menino na fazenda meu pai me chamava de O Bugre
_
aos nove anos deixei aquele mundo para trás,
meu coração emudeceu inconsolado como um pântano é um pântano
e minha sina desde então é portar um *Sol negro da Fronteira*.

Trago aquele território-não-nomeável dentro de minha alma.
De sua paisagem sombria e pantanosa, certa noite ouvi o canto desesperado do urutau
e não tive medo de ir em sua direção _ daí adveio minha eterna condição de andarilho,
em busca de um amor que não existira, de um desejo sem objeto e de um dor colonizada em meu peito ferido. Por que me abandonaste?

Por duas vezes lembro-me que atravessei a fronteira a pé. Na primeira, extasiado, fiquei paralisado olhando para o crepúsculo oscilante que derramava, apesar de o sol negro, aquele barrado envermelhado que varria o pântano profundo. Na segunda vez, vi os cantores da região com sua viola de cocho e violão tirarem uma modinha tão fúnebre e triste e desolada que eu tive muito dó de mim.

Conheci Clarice, o *Grande Sertão* e Borges, mas minha travessia é só minha: meu destino é atravessar o pântano tangido pelo canto desolado do urutau.

Condenado, continuo a voltar àquele lugar que nunca saiu de mim e, para meu alento e desencanto, encontro aquela paisagem sanguinolenta do crepúsculo encoberto de um vermelho quase negro, pertinho da melancolia, o vulto de uma fronteira que resiste ao esquecimento de uma vida de outrora (NOLASCO, 2014, p. 53-54).

Nolasco afirma que não escreve poesia como quem “morre” (2014, p. 89), e que também não escreve poesia como quem dorme diante das palavras, nem muito menos escreve poesia como se fosse uma coisa ordenada pelo Espírito Santo... ah, isso ele mesmo deixa claro que não. Nolasco ainda diz: “cruz-credo! Ai de Mim” (2014, p. 89). Ele escreve poesia como quando vai para o trabalho público e tem de cumprir horário, mesmo quando não tem vontade, também confessa que em seu fazer poético sofre de uma repetição incorrigível, mas que não é em nada nostálgica, e sofre também de uma perda sem objeto, de uma poesia sem poema e de uma morte sem corpo. O professor Nolasco descreve que, a princípio, trabalha dentro do final da tarde fria e morna e aquecida contra a poesia, trabalha contra a poesia quando a tarde sofre de seu derradeiro fim e uma pardaloca louca canta desesperada no beiral apodrecido, que um gesto melancólico o encobre, embaçando seu olhar e tornando sua voz “gutural” (NOLASCO, 2014, p. 91), e que não nasceu sim para a poesia, meu bem! Sua memória não falha, porque continua sofrendo de um desejo de uma amizade perdida naquelas tardes de outrora, que é como se fosse uma dor de retorno à casa de campo da “fronteira” (NOLASCO, 2014, p. 91). Ao esboçar suas memórias em sua poesia, Nolasco confessa que o “fazer poético” (NOLASCO, 2014, p. 63) em si não advém apenas do lado bom das coisas e nem mesmo de si, enquanto

alguém que se dispôs a fazer poesia, nem somente pelas belas palavras, que, segundo ele, raramente lhe servem para alguma coisa.

O poeta Edgar Nolasco destaca que sua *memória* anda cansada de tanto poder esquecer a imagem fantasmática da fronteira-sul, com seu barrado “sanguinolento” (NOLASCO, 2014, p. 81), que é atravessado pelo crepúsculo oscilante que tange a água que se encontra parada no pântano. Ele delineia que escreve uma poesia inexistente, porque a poesia da fronteira não existe enquanto uma forma poética importante e respeitável, ou mesmo compreensível, e que a razão poética não alcançou o outro *lado* da fronteira e, pelo simples fato de não saber ver, leu o visível no invisível, o apoético no poético, o fora da lei na Lei. A zona colonial da fronteira produz uma poética, que é considerada incompreensível e ignorante ao olhar imperial de uma poética e estéticas modernas. Para Nolasco, a fronteira tem poetas que produzem uma *sub*-poesia que é atravessada/permeada pela incomparável Natureza local, ignorada e rechaçada, rejeitada e massacrada, universalizada e descartada. Nolasco diz que “as memórias dos homens escuros e tristes de voz gutural, sobrevivem em seu corpo e na barranca do rio [...]” (2019, p. 65). Ele escreve suas memórias com singeleza, desde sua infância, de quando chovia uma chuva de arco-íris entardecendo sobre o nada, e que certa vez, fotografou o crepúsculo oscilante da fronteira-sul e adoeceu em vermelho.

Apesar de meu verso nunca me agradar, ele me dá um retrato fidedigno de meu *bios*, de meu lócus, da paisagem sanguinolenta da fronteira-Sul onde nasci, principalmente quando, numa tarde de outono de outrora, dobrava a curva da ilha abandonada da fazenda Revolta montada no lombo de meu cavalo (NOLASCO, 2018, p. 49).

[...] meu medo cresceu a ponto de se confundir com os mundos e histórias locais reais e imaginárias que povoam minha mente *fronteriza*. Se a fronteira-sul é porosa para as histórias e memórias locais que gravitam em seu entorno, minha vontade de contorná-la vai até aonde consigo administrar meu medo de homem-fronteira (NOLASCO, 2018, p. 12-13).

Hoje, finalmente, o urutau veio e pousou em meu verso tangido do sul. Ou teria sido o meu verso que aprendeu a se encostar ao rés do chão para escutar e depois receber a paisagem desolada do urutau do sul? O que me importa mesmo é saber que meu verso tangido do sul fez movimento de volta para a última fronteira levando na bagagem pássaros, rios, floretas, pântanos, bugres, linguagens, afetos, e sensibilidades que contornavam a paisagem de meu *bios*. Reconheço que finquei estaca na fronteira-sul e ancorei minha *despoética do pensar* na borda de fora e que a partir de lá não faço outra coisa senão desbiografar a minha vida, o que não me leva a ser um poeta melancólico, já que não perdi meu

objeto-verso; antes, inventei meu verso a partir de meu corpo para melhor poder me abandonar dele. Sou um poeta do abandono. Adoro me perder nos lodaçais vermelhos do pântano. Adoro quando as palavras me abandonam sobre as coisas. A Revolta me permitiu o abandono mais necessário de minha vida. Me abandonei numa tarde perseguindo o começo de minha vida na Revolta. [...] (NOLASCO, 2020, p. 32).

O professor Edgar Nolasco delinea em seus poemas que escreve para achar um Sul para a sua vida e, desde quando nasceu, caminha em direção à *fronteira-sul*. Sua travessia vem acompanhada pelo canto desolado da ave urutau, do outro lado da fronteira. Para Nolasco, *viver-entre-fronteiras*, viver do lado de cá da fronteira-sul, ou, sendo mais preciso, viver por muito tempo à beira do rio Dourados na Revolta, lugar esse que foi o início de tudo o que habita dentro dele, lugar simbólico que traz lembranças singulares em sua vida, nas terras que foram herdadas por sua família, narcotiza em si a sensação de estar sempre na condição de estar “fora do lugar” (NOLASCO, 2018, p. 78). Ele consegue reconhecer que está condenado a se reclinar para o Sul até a morte, restando-lhe saber escolher o caminho que o levará até o outro lado da fronteira-sul, sabe que esse movimento o levará para o descortinar da paisagem sanguinolenta que o habitará eternamente, não adiantando fugir dela porque a mesma está enraizada em si próprio. Sabe que tem um pântano plantado no centro de sua vida. A Revolta é a origem de tudo, o princípio para a sua ignorância, e Nolasco pôs de propósito o canto do Urutau no centro de sua poética para amenizar sua dor encravada em seu *bios*, e que pode chegar tarde demais para compreender o que escreve, mas sua sina é a de não desistir do que busca nessa escuridão que se levanta do outro lado da fronteira, causando-lhe um certo tipo de melancolia e desengano, mas o ser poético e desobediente o faz emergir dessa paisagem sanguinolenta onde canta o urutau. Conforme o intelectual, ser poeta na fronteira e de fronteira, é uma incumbência quase impossível, porque a condição imposta, a princípio, é a de ser “desobediente” (NOLASCO, 2018, p. 78), teimoso feito uma mula. Nolasco afirma que “já foi pedra e sonho, menino e campo, mais a extensão do céu que repousa na fronteira sul” (2014, p. 99).

Referências

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antonio. desCOLONIZAR BIOGEOGRAFIAS – estética bugresca como opção descolonial da arte. **Anais do XI Ciclo de Investigações PPGAV/UEDESC**, p. 321-331, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/ciclos/article/view/9474>. Acesso em: 10 maio. 2021.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antonio. Différences Coloniales – Fronteiras Culturais – Biogeografias e Exterioridades dos Saberes. **Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais - Art&Sensorium**, n. 1, p. 118-139, 2019.

Disponível em:

<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/view/2583>.

Acesso em: 10 maio. 2021.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antonio. «Paisagens biográficas descoloniais. *Revista Raído*, n. 14 (2013): 251-267,

<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/2562/1615>.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antonio. Poéticas de processos artísticos biogeográficos: modos outros de cartografar bio-sujeitos, geo-espacos, grafia-narrativas. **Cadernos de Estudos Culturais**, n. 19, p. 59-84, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/index>. Acesso em: 10 maio. 2021.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maria Paula. (org.).

Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010, p. 384-417.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia Epistémica**: Retórica de La Modernidad, Lógica de La Colonialidad y Gramática de La Descolonialidad. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2010.

MULLER, Karla Maria. Presença de fronteiras culturais na mídia local de fronteiras nacionais. In: _____. **Cadernos de Estudos Culturais**, n. 7, p. 69-81, 2012.

Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/index>. Acesso em: 10 maio. 2021.

NOLASCO, Edgar. César. **A ignorância da Revolta**. São Paulo: Intermeios, 2019.

NOLASCO, Edgar. César. **Oráculo da Fronteira**. São Paulo: Intermeios, 2018.

NOLASCO, Edgar. César. **O Jardim das Fronteiras**. São Paulo: Intermeios, 2020.

NOLASCO, Edgar. César. **Pântano**. São Paulo: Intermeios, 2014.

NOLASCO, Edgar. César. **Perto do Coração Selbaje da Crítica Fronteriza**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

NOLASCO, Edgar. César. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul: exterioridades. In: NOLASCO, Edgar. **Cadernos de Estudos Culturais**, v. 1, p. 9-29, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/index>. Acesso em: 10 maio. 2021.

Para citar este artigo

MACHADO, A. P. M. Uma discussão acerca das sensibilidades e exterioridades de um intelectual fronteiriço. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 7, 2021, p. 264-280.

A autora

ANA PAULA MARQUES MACHADO é mestranda no Programa de Pós-Graduação- PPGEL, pela UFMS.